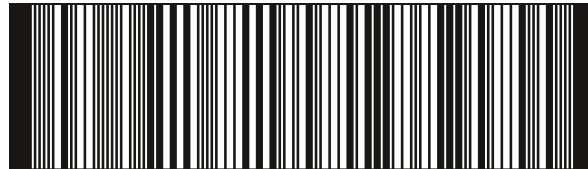


Willians
Alves da
SILVA



[B2025-[P.6/S.S]]



Teresinha de
Jesus
Mesquita
QUEIROZ



Universidade Federal do Piauí,
Brasil, williansalves@ufpi.edu.br

Universidade Federal do Piauí,
Brasil, teresinhaqueiroz@bol.com.br



**UM DIÁRIO EXTRAVAGANTE: “EU SOU AFONSO
HENRIQUES DE LIMA BARRETO”**



**AN EXTRAVAGANT DIARY: “I AM AFONSO HENRIQUES
DE LIMA BARRETO”**

Resumo: O presente estudo apropria-se, historicamente, da vida e da obra do escritor brasileiro Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922). O trabalho debruça-se especificamente sobre a escrita íntima de Lima Barreto, adotando, para tanto, toda a constelação conceitual que permite, no campo da história, enfrentar o problema da “escrita de si”. O tempo estudado contempla o recorte temporal situado entre os anos de 1903 e 1922. A vida e a obra do autor em estudo, neste caso, serão historicamente analisadas no sentido de – para o caso específico de Lima Barreto – investigar o processo de “construção do eu”, possibilitando novas chaves interpretativas sobre o literato e a sua escrita particular. Empiricamente o trabalho se embasa em diários, correspondências (ativa e passiva), e publicações de crônicas, além da crítica literária que permita pensar a recepção social da obra de Lima Barreto.

Palavras-chave: História; Lima Barreto; escrita de si; Primeira República.

Abstract: This study provides a historical examination of the life and work of Brazilian writer Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922). The work focuses specifically on Lima Barreto’s personal writings, drawing upon the full conceptual framework that enables historians to address the issue of “self-writing.” The period under study spans the years 1903 to 1922. The life and work of the author in question are historically examined in order to – in the specific case of Lima Barreto – investigate the process of “self-construction,” thereby offering new interpretive frameworks for understanding the writer and his particular style of writing. Empirically, the study is based on diaries, correspondence (incoming and outgoing), and published chronicles, as well as literary criticism that allows for an examination of the social reception of Lima Barreto’s work.

Keywords: History; Lima Barreto; Self-Writing; First Republic.

1. O Diário Íntimo de Lima Barreto

Na entrada do ano de 1903, lê-se no *Diário Íntimo* do literato Lima Barreto (1956): “Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a História da Escravidão Negra no Brasil e sua influência na nossa nacionalidade”. (Barbosa, 1956, p. 33). O título do fragmento já denunciava um pouco do temperamento de Lima em 1903, “Um Diário Extravagante”. Também é interessante observar o termo “filho legítimo” presente no trecho. Por que precisou ser dito? Aparentemente, a questão não provocou a inquietação dos biógrafos de Lima Barreto.¹⁾ O ponto é: João Henriques de Lima Barreto teve filhos ilegítimos? A resposta é não, segundo a documentação que se tem acesso. Até onde se sabe, João Henriques possuía apenas quatro filhos com Amália Augusta de Lima Barreto, todos dentro da legalidade do casamento.

A questão pode ou não estar inteiramente resolvida, carecendo de novas investigações, ou pode ser apenas um simples jogo de palavras usado de forma despretensiosa por Lima: “filho legítimo”. O perigoso é para o historiador considerar as palavras como despretensiosas. Para nós, com base na documentação a que temos acesso, e com o cuidado de não inventar dados históricos, Lima Barreto parece reafirmar simbolicamente

¹⁾ Nenhuma informação a respeito do assunto nas obras *A Vida de Lima Barreto* (1952), de Francisco de Assis Barbosa, e *Lima Barreto: triste visionário* (2017), de Lília Moritz Schwarcz.

a sua qualidade de filho verdadeiro dentro de um espaço doméstico caótico – considerando que habitavam em sua casa, além dos irmãos Carlindo e Eliezer, da irmã Evangelina, do velho Manuel de Oliveira, do pai João e da agregada Prisciliana, os três filhos desta última, referida pelo escritor como a “companheira de seu pai”.

Prisciliana e sua prole figuram como um dos desgostos diários de Lima: “A Prisciliana e filhos, aquilo de sempre. Sem a distinção da cultura nossa, sem o refinamento que já conhecíamos, veio em parte talvez prender o desenvolvimento superior dos meus. Só eu escapo!” (Barreto, 1956), segreda Lima, em janeiro de 1904. É esse sentimento de “cultura superior” que faz Lima Barreto odiar todos aqueles que não compartilham de tal refinamento. Prisciliana e os seus filhos são, aos olhos do literato, uma mancha familiar; mãe e prole prejudicam o “desenvolvimento superior” da casa. E mais ainda, apenas Lima era imune à dita praga; sua armadura intelectual era impermeável. Com outras doses de sarcasmo e acidez, o romancista continua a desenvolver o ferrão da sua escrita, dessa vez dirigindo-se à Paulina, uma das filhas de Prisciliana: “[...] a tal Paulina, que é uma vulgar mulatinha, muito estúpida, cheia de farofas de beleza e de presunção [...]” (Barreto, 1956, p. 75-76). E acrescenta, prosseguindo com o despejar do seu ódio nas outras páginas do diário: “A tal Paulina é vulgar, chata como um percevejo” (Barreto, 1956, p. 75-76).

Os infortúnios e destemperos continuam, e os aborrecimentos parecem se renovar na vida de Lima Barreto. O literato é devorado diariamente, tendo que se regenerar no dia seguinte, pela força do marasmo e do arrastar cotidiano. É como o fígado de Prometeu²⁾, que uma águia (ou abutre) devorava para, durante a noite, restaurar-se e ser destruído novamente no dia seguinte: “O cão volátil, a águia sanguessuga do Cronida, arrancará um naco do teu corpo, conviva sem convite, dia a dia. No cardápio, roído, o negro fígado. Não esperes o fim do sofrimento [...]” (Ésquilo, 2023, p. 109 e 111). A força misteriosa que se chama destino parece também ter-se declarado inimiga do literato, conspirando assiduamente contra ele. Para quem acredita em má sorte, o escritor acumula uma série de presságios. Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em uma sexta-feira treze: treze de março de 1881. O menino veio ao mundo no mesmo dia em que se comemora o dia de Nossa Senhora dos Mártires, embora tivesse como protetora na hora do batismo Nossa Senhora da Glória, santa católica de quem Lima Barreto se tornou devoto (Barreto, 1956, p. 18).

A doença mental de João Henriques também frustra e angustia Lima Barreto, ter em casa a presença do genitor em declínio e desprovido das suas faculdades mentais, aquele que já foi a sua referência intelectual, intensifica no escritor a certeza de má sorte e a intuição de iminentes desgraças. O que Lima aspira é o intelecto, são as conversas regadas por livros e autores, são as paixões artísticas e literárias. Lima deseja um mundo inspirado por Cervantes, Dante, Balzac, Anatole France: “Conversamos amistosamente e inteligentemente” (Barreto, 1956, p. 91), registra o literato satisfatoriamente a respeito de conversas intelectuais que, vez ou outra, mantinha com alguns poucos conhecidos.

²⁾ “Novamente o filho de Jápeto entrou em ação: roubou uma centelha do fogo celeste, privilégio de Zeus, ocultou-a na haste de uma fécua e a trouxe à terra, “reanimando” os homens. O Olímpico resolveu punir exemplarmente os homens e a seu benfeitor. Contra os primeiros imaginou perdê-los para sempre por meio de uma mulher, a irresistível Pandora [...], e contra o segundo a punição foi tremenda. Consoante a Teogonia (521-534), Prometeu foi acorrentado com grilhões inextrincáveis no meio de uma coluna. Uma águia enviada por Zeus lhe devorava durante o dia o fígado, que voltava a crescer à noite” (Brandão, 2015, p. 175-176).

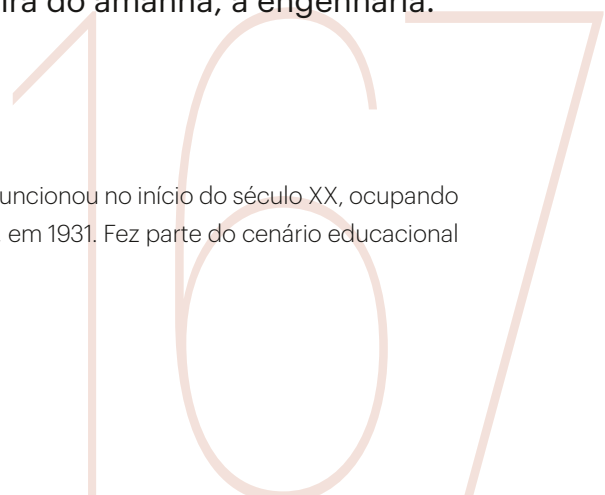
O que encontra, por outro lado, na inconstante linha de seu destino, é o inverso. Depara-se com o estado morno e esqualido de um lar quebrado e anômalo: “A minha casa me aborrece. O meu pai delira constantemente e o seu delírio tem a ironia dos loucos de Shakespeare” (Barreto, 1956, p. 171). Material para uma boa investigação: qual louco das peças de William Shakespeare, na percepção de Lima, comunga com as imprecisões psíquicas de João Henriques: Hamlet, Ofélia, *Macbeth*, Lady *Macbeth* ou o Rei Lear? Citando o mesmo Shakespeare, a vida de Lima é como a pátria de Malcom, da tragédia *Macbeth*: “se afunda na opressão [...] geme e sangra, recebendo a cada dia novos golpes e feridas” (Shakespeare, 2016, p. 103). A desgraça, como não poderia deixar de ser em Lima, transformava-se em refinamento literário. Até mesmo a irmã e toda a “sua gente” são motivos para agravar os infortúnios do escritor: “Há em minha gente tôda uma tendência baixa, vulgar, sórdida [...]. Minha irmã, esquecida que, como mulata que se quer salvar [...], se atira ou se quer atirar a tôda espécie de namoros” (Barreto, 1956, p. 76). Ainda sobre os irmãos, confessa Lima em 20 de abril de 1914: “Meus irmãos, egoístas como êles, queriam que eu lhes desse tudo o que ganho e me curvasse à Secretaria da Guerra” (Barreto, 1956, p. 76).

Com a loucura do pai e o consequente vazio deixado pela figura do “homem provedor”, os irmãos de Lima viram no primogênito a continuidade dos papéis e responsabilidades da casa. Eles desejavam a inteira dedicação do escritor ao serviço público, como uma forma de assegurar a estabilidade financeira diante do caos familiar. Era a única segurança que colocava em ordem, à primeira vista, o estado desordenado daquele lar. Mesmo Lima Barreto foi forçado a reconhecer a urgência. O literato havia sido jogado em uma maré de circunstâncias sem controle; suas específicas condições econômicas, sociais e familiares obrigaram-no a abandonar a construção lenta de um futuro promissor e literário. Surgia, desse modo, um novo destino: fazia-se necessária a dedicação total no preparo de concursos. Era como se assassinassem o pouco de seus sonhos que ainda se mantinha de pé.

1.1. Lima Barreto e a Escola Politécnica

Antes que se investigue a vida de Lima Barreto em uma rotina desgastante na Secretaria da Guerra, é de fundamental importância que se perscrute a trajetória escolar do literato – uma forma de compreender com olhar mais ampliado os seus projetos de futuro. Após cursar o Liceu Popular Niteroiense,^{3.)} Lima Barreto precisava enfrentar as bancas dos exames preparatórios. Em seguida, era necessário ingressar no curso superior, fazendo-se “doutor, com pergaminho e anel de grau” (Barbosa, 1981, p. 59). Segundo o biógrafo Francisco de Assis Barbosa (1981), João Henriques queria ver Afonso formado, projetando no filho o seu próprio sonho de adolescência. Parecia ter desenhado o destino de Lima Barreto: o rapaz seria engenheiro. O século em que João Henriques e Afonso Henriques viveram fala-nos muito sobre as suas expectativas e perspectivas de futuro. O mundo do século XIX parecia abrir as portas para a promissora carreira do amanhã, a engenharia.

^{3.)} O Liceu Popular de Niterói, no Rio de Janeiro, foi uma instituição de ensino que funcionou no início do século XX, ocupando o prédio histórico na Praça da República, antes da criação do Liceu Nilo Peçanha, em 1931. Fez parte do cenário educacional da cidade, coexistindo com outras instituições, como o Liceu de Humanidades.



No panteão dos construtores figuravam nomes reconhecidos, como os de André Rebouças, Barão de Mauá, Pereira Passos, Guilherme Schüch (Barão de Capanema), Francisco Bicalho; os polímatas da Revolução Industrial completavam esse quadro, a exemplo dos ingleses George Stephenson e Isambard Kingdom Brunel, e do francês Gustave Eiffel. Em meados do século XIX, num contexto de difusão de valores e ideias modernizadoras, principalmente inglesas, preconizados por tipos sociais, os valores aristocráticos e liberais despontavam como principais elementos inovadores: os oficiais militares, os engenheiros e os industriais (aliados depois com profissionais liberais formados nas academias tradicionais de Direito e Medicina) seriam obrigados, pelo seu contato constante com a vida urbana, a adotar os novos valores das cidades e os novos valores vindos da Europa (Trindade, 2004, p. 24). Estas mesmas ideias de progresso seriam usadas, sobretudo, para combater a ordem vigente, inclusive a escravidão, atacada por importantes industriais (Trindade, 2004, p. 25).

No Brasil Imperial, a segunda metade do século XIX acelerou significativas mudanças de cunho social, econômico e industrial: o fim do tráfico de escravos (1850), a abolição da escravidão (1888), o início da implantação do sistema ferroviário (1852) foram algumas delas. Junto às iniciativas políticas e de infraestrutura, a criação de novas instituições, que posteriormente se transformaram em associações científicas, contribuiu para explorar a natureza e lançar as bases do país, visando o progresso. A nação começava a se firmar diante dos avanços da modernidade. Mudanças no sistema de transportes (ferrovias) e a generalização do uso de navios a vapor aconteceram simultaneamente ao crescimento da demanda do café no mercado internacional, impulsionando a especialização da produção e o comércio interno.

Para pôr em prática os empreendimentos da modernidade, os engenheiros foram solicitados para trabalhar em obras de infraestrutura, como as novas vias férreas, o reaparelhamento dos portos, a construção de novas estradas, a ampliação da malha urbana. Aos poucos, os cursos de engenharia iam se modificando no intuito de preparar mão de obra qualificada; engenheiros estrangeiros e nacionais foram contratados para levantamento de dados e apresentação e execução dos projetos. Dessa forma, a engenharia durante o “longo século XIX”⁴⁾ ganhou ressonância por meio de obras que promoviam o progresso da nação. As melhorias mostravam-se necessárias para a construção de um novo mundo que se apresentava, e com esse novo projeto surgiam novas dinâmicas sociais, novos comportamentos, novas subjetividades, novos valores. Na experiência histórica do Brasil, a imagem do Imperador D. Pedro II foi associada nesse período à realização de obras públicas para a promoção da civilização e do progresso material da nação (Costa, Queiroz e Silva, 2021, p. 37).

Para além das projeções e desejos de João Henriques, o próprio Lima Barreto já interiorizava em seu futuro um percurso de excelência pelas ciências exatas, desejando uma carreira de sucesso na engenharia. Não é à toa que em uma correspondência do dia 26 de outubro de 1916, destinada a Murilo de Araújo, o literato confessasse a pretensão de evitar as “coisas que tocassem em amor, em arte e emoção” (Barreto, 1956, p. 275).

⁴⁾ Conceito usado pelo historiador marxista britânico Eric J. Hobsbawm, em sua trilogia “As Eras”: *A Era das Revoluções* (1962), *A Era do Capital* (1975) e *A Era dos Impérios* (1987).

Lima, àquela época, desejava ser “um homem enérgico, inacessível a tudo isto, engenheiro, talvez, a construir pontes, máquinas, cais ou coisas semelhantes” (Barreto, 1956, p. 275). Para isso era preciso uma boa formação técnica, naquela época havia certa dificuldade de se manter a formação de civis e militares em uma mesma escola. O Brasil, que passava por um processo de crescimento social, enfrentava sérias reclamações sobre a Escola Militar.⁵⁾ Existia uma dificuldade para manter a formação científica e militar em um mesmo estabelecimento de ensino, em função da tendência pelo ensino científico mais aprofundado. Esse novo quadro favoreceu a demanda por engenheiros e técnicos de vários formatos, acentuando-se a necessidade de separação entre as áreas civil e militar. No ano de 1858, a separação foi concretizada com a criação da Escola Central e da Escola da Praia Vermelha no Rio de Janeiro; ambas sob o gerenciamento do Ministério da Guerra.

A Escola Central objetivava o ensino das ciências matemáticas e físicas, assim como as doutrinas próprias da Engenharia Civil. Era constituída de dois cursos, sendo o fundamental de quatro anos, e o suplemento de Engenharia Civil de dois anos; o ensino militar passou a ser ministrado na Escola de Aplicação do Exército. Segundo Costa, Queiroz e Silva (2021), a Escola Central buscava atender às necessidades do país, voltando-se para a expansão e a modernização. No entanto, apesar de tais avanços, a instituição carecia ainda de uma separação definitiva entre o ensino militar e o ensino civil. Foi somente em 1873, com a Lei n.º 2.116, que a Escola Central alcançou independência definitiva, transferindo o controle para o Ministério do Império. Por conseguinte, a Escola Politécnica – nome inspirado no modelo de escola existente em Paris – foi criada pelo decreto de 25 de abril de 1874, em solicitação do Ministro da Guerra Visconde do Rio Branco. Sustenta-se a necessidade de concentrar os estudos militares em uma só escola e a conveniência de se libertar os estudos de engenharia civil das contingências e imposições militares. Nesse mesmo ano de 1874, a Escola Politécnica voltou-se para o estudo exclusivo da engenharia civil, passando os estudos da engenharia militar para a Escola da Praia Vermelha (Costa, Queiroz e Silva, 2021, pp. 39-40). É na Escola Politécnica que Lima Barreto vai dar início aos seus estudos no ensino superior.

Prosseguindo com a trajetória acadêmica do literato, após completar quatorze anos, Lima Barreto prestou os primeiros exames no Ginásio Nacional, nome que os “republicanos, nos ardores iniciais do novo regime, decidiram crismar o Imperial Colégio D. Pedro II” (Barbosa, 1981, p. 59). Em janeiro de 1895, Lima Barreto prestou os exames de Português e em agosto o de Francês; enquanto isso, preparava-se para as demais disciplinas estudando em casa com o pai. É por esses anos que a pregação positivista começa a ganhar corpo pelo Brasil, provocando em Lima debates acalorados com os colegas⁶⁾. Não será difícil determinar o ano em que Lima Barreto se contagiou com o sarampo positivista

⁵⁾ A Escola Militar da Praia Vermelha (1858–1904), no Rio de Janeiro, foi um influente centro de formação de oficiais do Exército Brasileiro e engenheiros. Conhecida como “Tabernáculo da Ciência”, formou a elite intelectual e técnica do país, destacando-se pela alta politização dos seus cadetes. Foi encerrada em 1904 após revoltas políticas.

⁶⁾ De acordo com Francisco de Assis Barbosa, Lima Barreto discutia o positivismo com os colegas, a exemplo das conversas do literato com Carlos Costa. Segundo o biógrafo, é provável que Lima tenha frequentado a capelinha do Apostolado Positivista, na Rua Benjamin Constant, à época em que o escritor morava nas pensões juntamente com outros estudantes (Barbosa, 1981, pp. 60-61).

(Barbosa, 1981, p. 61): “aí pelos quinze anos e mesmo antes”, afirma o escritor, “não tinha a mínima preocupação literária: havia até abandonado o meu Júlio Verne e todo eu era seduzido para o positivismo e cousas correlatas” (Barreto, citado por Resende, 2017, p. 266). No ano de 1897, Lima Barreto prestou os exames para a Escola Politécnica – Desenho Geométrico Elementar, Álgebra, Geometria, Trigonometria e Álgebra Superior –, matriculando-se, por fim, no curso geral de engenharia civil. Em março de 1897, Afonso Henriques de Lima Barreto, com seus quinze anos de idade, estava matriculado como estudante na Escola Politécnica. A instituição estava situada no Largo de São Francisco, centro do Rio de Janeiro e, à época, ostentava uma estátua de José Bonifácio junto com um pequeno jardim rodeado de quiosques. No mesmo período em que frequentava a Escola Politécnica, Lima intercalava a sua vida de estudante entre as análises de cálculo e os frenéticos estudos de filosofia, devorando os livros que encontrava na Biblioteca Nacional.

O tempo e a indisposição de Lima Barreto para as ciências exatas logo se revelaram, evidenciando a inaptidão do literato para a engenharia, o que, por sua vez, acabou por gerar uma série de reprovações no seu histórico acadêmico. O primeiro ano do Curso Geral na Escola Politécnica era formado pelas cadeiras Geometria Analítica, Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Descritiva, Física Experimental e Meteorologia. Lima não completou o primeiro ano e requereu uma nova matrícula pagando um valor de cinquenta mil-réis (Barbosa, 1981, p. 75). Em 15 de fevereiro de 1899, fez novo requerimento para o exame das matérias que lhe faltavam completar, Cálculo e Geometria Experimental. Mas só conseguiu ser aprovado na segunda disciplina; cálculo era a única matéria que faltava para integrar o ano. Por meio de uma nova solicitação datada de 15 de outubro de 1899, fica evidente que Lima havia reprovado mais uma vez na disciplina; em 15 de fevereiro de 1900 o fracasso continua a assombrá-lo: era a sua terceira retenção em Cálculo. Segundo afirma Barbosa (1981), Lima não era um exemplo de estudante e ia pouco às aulas: “estava na Escola para satisfazer ao pai, que o queria doutor, com anel de grau e pergaminho” (Barbosa, 1981, p. 76).

Lima Barreto era incapaz de dedicar-se àquilo que não lhe inspirava o espírito. Como é indicado pelo seu diário íntimo, o literato empregava todo o seu talento e esforço a outros tipos de livros, passando horas debruçado em autores de grande envergadura, como Kant, Spencer, Condillac, Comte, Condorcet, Le Bon, por exemplo.⁷⁾ Lima possuía talento e inclinação para investigar as fragilidades do homem, suas vicissitudes, seus pensamentos e ideias; queria ser conhecedor do coração e das vaidades humanas. Em 1903, o escritor anota nas páginas do diário um “Curso de filosofia feito por Afonso Henriques de Lima Barreto para Afonso Henriques de Lima Barreto, segundo artigos de *La Grande Encyclopédie Française du Siècle XIXème*” (Barreto, 1956, p. 171). No programa elaborado pelo autor, o curso obedecia à lógica da história do pensamento filosófico, “devendo cada época ser representada pela opinião dos seus mais notáveis filósofos” (Barreto, 1956, p. 35). O grande objetivo do programa era estabelecer a ligação dos pensamentos, “as suas modificações e o que se eliminou de um e porque essa eliminação foi feita, assim como as reações da ciência e da arte” (Barreto, 1956, p. 35).

⁷⁾ Em novembro de 1901, num esforço surpreendente, Lima Barreto consegue passar não apenas em Cálculo, como em todas as matérias do segundo ano, com exceção de Mecânica Racional. “Não contava decerto com esta reprovação. Confiando demais na própria inteligência, vivia lendo filosofia na biblioteca da Escola e, na hora do exame, não tinha as questões na ponta da língua” (Barbosa, 1981, p. 77).

Os anos se passaram e a vida de Lima Barreto foi sedimentando camadas de grandes infortúnios. Com a loucura do pai, o escritor, que era o filho mais velho, assumiu a chefia da casa, arcando com a responsabilidade de cuidar do pai enfermo, de alimentar e vestir os irmãos e os agregados da família. Depois de todas as dificuldades e complicações burocráticas, João Henriques obteve a sua aposentadoria da Colônia dos Alienados pelo decreto de 2 de março de 1903; após o deferimento, outras papeladas e trâmites administrativos esgotariam ainda a vida da família Lima Barreto. Como um retrato do funcionalismo público no Brasil do começo do século XX, a aposentadoria de João Henriques demorou a ser liquidada. O decreto fora assinado em março pelo Presidente da República Rodrigues Alves, no entanto, foi somente em 12 de julho que lhe foi expedido o título de aposentado (Barbosa, 1981, p. 110). Mediante o peso da responsabilidade familiar, dos desgastes com a aposentadoria do pai, das péssimas notas nas disciplinas de cálculo e da repentina loucura de João Henriques, Lima Barreto deixou de frequentar a Escola Politécnica, abandonando o sonho de se tornar “doutor”.

A preocupação do literato concentrou-se em um novo desafio: alcançar um posto seguro para salvar a casa ameaçada de afogar-se numa completa miséria. Lima Barreto entendia o peso daquela situação, assim como compreendia a realidade das suas condições sociais e econômicas em um Brasil que pouco se importava com loucos, desempregados, pobres e negros: “Eu fico só, só com os meus irmãos e o meu orgulho e as minhas falhas” (Barreto, 1956, p. 136), relata o escritor em 16 de julho de 1908. E também: “Estou com vinte e sete anos, tendo feito uma porção de bobagens, sem saber positivamente nada [...]; sem dinheiro, sem família, carregado de dificuldades e responsabilidades” (Barreto, 1956, p. 135), confessa em seu diário. Provavelmente foi nesse momento que Lima Barreto iniciou a sua triste rota em direção aos vapores do álcool, como uma medida para se anestesiá-lo nos labirintos do desespero. É curioso observar que o Lima Barreto de 1903 jamais pensaria em tomar tais rumos, uma vez que anotara em seu diário, em formato de decálogo, o trecho “Não beber excesso de coisa alguma” (Barreto, 1956, p. 33). Juntamente à autoprecaução se encontrava mais uma observação da mesma natureza exortativa: “Não ser mais aluno da Escola Politécnica” (Barreto, 1956, p. 33). Preocupava ao escritor o exemplo de João Henriques, atribuindo, talvez, ao alcoolismo a insânia em que vivia mergulhado o pai (Barbosa, 1981, p. 113).

Indo na direção oposta a tudo o que havia planejado para si, Lima Barreto atinou-se a prestar o concurso de amanuense para a Diretoria do Expediente da Secretaria da Guerra a fim de tornar-se funcionário público. Havia apenas uma vaga e as provas naquele tempo obedeciam às disciplinas de Português, Francês, Inglês, Aritmética, Álgebra, Geometria, Geografia, História, Direito, Redação Oficial e Caligrafia. Lima enfrentou durante oito dias a banca examinadora, presidida pelo diretor da Secretária, o Barão de Itaipu (Barbosa, 1981, p. 114). O escritor não conseguiu a aprovação, e tudo indica que foi devido à sua caligrafia ilegível, uma qualidade imprescindível que os examinadores não deixaram de observar, tendo em vista que o trabalho de amanuense exige uma destreza em matéria de textos e correspondências escritas à mão. As missivas de Lima Barreto comprovam a sua péssima letra, sendo, inclusive, motivo para reclamações futuras dos editores, a exemplo de Monteiro Lobato, que assumiam o compromisso de ler os manuscritos de seus romances (Cavalheiro, 2017). Nas provas de redação oficial e caligrafia, Lima alcançara nota muito baixa, grau três, ao passo que o seu competidor obtivera grau nove em ambos os testes. O desgosto da desaprovação foi documentado em uma anotação feita no diário íntimo. Com uma dose de ressentimento, Lima expõe: “O meu concurso. Lá o fiz. Fui de prova em prova num crescendo medonho... como eu sei, hein! E o nomeado foi o Milanês! Com certeza, o bom-bocado não é para quem o faz e sim para quem o come” (Barreto, 1956, p. 34).

Um fio de esperança, no entanto, abriu-lhe o caminho. Uma vaga para amanuense surge logo após o falecimento de um funcionário da Secretaria da Guerra. Um amigo do escritor, Mário Tibúrcio Gomes Carneiro, procurou-o para que pleiteasse a nomeação (Barbosa, 1981, p.114). Lima viu a proposta com desdém, pois desacreditava da moralidade e da ética na administração das instituições brasileiras: “Você pensa que a administração pública está tão moralizada neste país, a ponto de respeitar os concursos?” (Barreto, 1956, p. 114). Vencido pela insistência do amigo Mário Tibúrcio, Lima Barreto acabou procurando o coronel Moraes Rego, que tratou de garantir-lhe a nomeação. Poucos dias depois, Lima era feito amanuense da Secretaria da Guerra, por concurso público, como costumava observar orgulhosamente (Barreto, 1956, p.115). Foi nomeado no dia 27 de outubro de 1903 e, no dia seguinte, tomou posse do cargo. Foi por essa época que o escritor foi morar com a família no bairro Todos os Santos, em uma casa alugada na Rua Boa Vista, no alto do morro. Sobre isso Lima observa no diário: “Lá entrei (no Bairro Todos os Santos) com uma nomeação no bolso e com muito pouco dinheiro” (Barreto, 1956, p. 136).

1.2. “O que me aborrece mais na vida é esta secretaria”

A Secretaria da Guerra, o lugar da rotina de trabalho, acabou por se transformar em um verdadeiro microcosmo pandemônico na vida já amarga do literato. Lima Barreto, esse Prometeu castigado e acorrentado por saber e fazer coisas proibidas, parecia pagar em vida os suplícios daquilo que Dante Alighieri chamou de *Quinto Círculo do Inferno*.⁸⁾ lugar destinado às almas que cometeram os pecados da ira e do rancor. Acorrentado, sem exagero algum, a um trabalho que só lhe trazia contratempos, Lima Barreto via na Secretaria da Guerra toda uma constelação de infortúnios. O que evidenciava ainda mais o quadro de sua fúria eram as regras que regiam o departamento, além de ter que fazer parte de uma repartição pública republicana, com todas as atrocidades que lhes são dignas: rituais, funcionários estúpidos, conversas fiadas, militares a desfilar pelos compartimentos. Tudo isso lhe adicionava doses cotidianas de ódio e rancor. Era-lhe ainda pior ter que desperdiçar boa parte do seu tempo e do seu dia confinado em um ambiente que contrastava completamente com suas ideias e projetos de vida. Lima Barreto arrastava pesadas correntes.

A Secretaria da Guerra estava viciada, repleta de pus e com sabor de puro vinagre: “Estou na secretaria a aborrecer-me com os decretos; levemos a cruz ao Calvário, por amor ao meu pai” (Barreto, 1956, p. 96), observa Lima em 30 de janeiro de 1905. A única forma de suportar aquilo tudo era apegando-se ao amor que nutria pela figura paterna; ao amor, é verdade, mas também ao peso da responsabilidade em sustentar toda uma família que dependia inteiramente dele. Por outro lado, o que ajudava Lima a nutrir o seu ódio mortal pela Secretaria da Guerra era todo o aparato cívico e toda a ambiência militar que o lugar comportava. Era como se os símbolos da jovem República, aqueles que a política brasileira mais amava, elogiava e prestigiava, estivessem ali, todas as manhãs, a lhe esbofetear o rosto, a morder-lhe o juízo:

⁸⁾ Referência à obra *A Divina Comédia* (2009), de Dante Alighieri. O livro *Inferno* na “*Divina Comédia*” de Dante Alighieri é estruturado em nove círculos concêntricos que se aprofundam à medida que os pecados se tornam mais graves. A jornada atravessa desde o limbo (pagãos virtuosos) até o centro da Terra, onde traidores são congelados no lago Cocite.

O que me aborrece mais na vida é esta secretaria. Não é pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela sua ambiência militar, onde sinto deslocado e em contradição com a minha consciência. Não posso suportá-la. É o meu pesadelo, é a minha angústia. Tenho por ela um ódio, um nojo, uma repugnância que me acabrunha. Queria ganhar menos, muito menos, mas não suportar aqueles generais do Haiti que, parece, comandaram ou vão comandar em Austerlitz. Demais, o meu feitio é tão oposto àquela atmosfera de violência, de opressão, de bajulação, que me enche de revolta. Não sei o que hei de arranjar para substituir aquilo, e a minha gana de sair de lá é tão grande, que não me promovem, não me fazem dar um passo à frente (Barreto, 1956, pp. 171-172).

A Secretaria da Guerra traía a sua consciência. Repetiremos o trecho: “Não posso suportá-la. É o meu pesadelo, é a minha angústia. Tenho por ela um ódio, um nojo, uma repugnância que me acabrunha” (Barreto, 1956, p. 172). Viver constantemente sob um desgosto tão profundo nos faz imaginar as saídas que Lima Barreto buscou para fugir de tudo aquilo. Era preferível ganhar menos a enfrentar a dinâmica da Secretaria. Os militares, os “generais do Haiti”, a atmosfera de violência, a opressão, a bajulação, tudo levava o literato a sabotar-se dentro do próprio ambiente de trabalho. O fragmento ainda nos revela que o desgosto de Lima Barreto era tão notório, a sua tendência para sair daquele ambiente era tão evidente, que não faziam questão alguma de lhe elevarem o nível.

Lima Barreto se tornou um péssimo funcionário; àquela altura já estava entregue completamente à vida boêmia. Às rodas de café e de bar, que conhecera na primeira mocidade, onde brilharam escritores como Olavo Bilac e Emílio Menezes, Lima Barreto entregou-se ao convívio dos botequins, que acabou frequentando diariamente, para tomar a sua “talagada” de parati, o “calisto”, que lhe arruinou por completo a saúde e sacrificou em boa parte a sua carreira literária (Barreto, 1948, p. 10). Sentia também que deveria levar seus rascunhos e ideias de romances para os lugares que frequentava, podendo rever, esboçar ou reajustar seus apontamentos. Como logo percebeu, a ideia era impraticável, ainda mais na Secretaria, ambiente de ideias mortas: “Agita-me a vontade de escrever já, mas nessa secretaria de filisteus, em que me debocham por causa da minha pretensão literária, não me animo a fazê-lo. Fá-lo-ei em casa” (Barreto, 1956, p. 97). Como bem evidenciado por Lima Barreto (1956), não bastava toda a encenação e bajulação da Secretaria, ainda desmoralizavam o escritor por suas aspirações literárias. Escolhas de vida elevadas demais para aquela gente compreender.

Conviver com o oposto da racionalidade intelectual, com as burocracias, as farsas e o engodo do trabalho; habitar em um país de chiqueiro político, com uma raquítica ética profissional, esgotava e adoecia física e espiritualmente o escritor, eram muitos contrários e contratempos. Os sofrimentos externos – a saber as infelicidades do trabalho, os círculos literários onerosos, os sofismos, a República malograda e o Brasil medíocre – somavam-se aos desajustes internos, resguardados pelo desequilibrado cotidiano e familiar: habitação conflituosa, um pai neurastênico e dívidas acumuladas.

Agradecimentos

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí (PPGHB-UFPI), pelo incentivo e investimento em meu doutorado sanduíche. Também sou grato pelo cuidado e pela orientação competente das minhas orientadoras: Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (orientadora do Brasil); e Paula Maria Guerra Tavares (orientadora de Portugal). Por fim, agradeço à Universidade do Porto (UP) pela oportunidade de internacionalização, e à CAPES pelo fomento e financiamento da minha pesquisa.

Referências

- Alighieri, D. (2009). *A divina comédia: Inferno*. Editora 34. (Obra original publicada no século XIV).
- Barbosa, F. A. (1981). *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Livraria José Olympio Editora.
- Barreto, L. (1956). *Diário íntimo: memórias*. (F. A. Barbosa, Org.; A. Houaiss & M. Cavalcanti Proença, Cols.). Editora Brasiliense.
- Barreto, L. (1956). *Correspondência ativa e passiva*. (F. A. Barbosa, Org.), Vol. 1. Editora Brasiliense.
- Barreto, L. (1948). *Clara dos Anjos*. Editora Mérito S. A.
- Brandão, J. S. (2015). *Mitologia grega*, Vol. 1. Editora Vozes.
- Cavalheiro, E. (Org.). (2017). *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos*. Verso Brasil Editora.
- Costa, I. F., Queiroz, L. Q. S., & Silva, A. C. M. (2021). Engenharia no século XIX: formação e profissionalização. *Revista Geometria Gráfica*, 5(2), 37-40.
- Ésquilo. (2023). *Prometeu prisioneiro*. Editora 34.
- Hobsbawm, E. J. (1962). *A era das revoluções: 1789-1848*. Paz e Terra.
- Hobsbawm, E. J. (1975). *A era do capital: 1848-1875*. Paz e Terra.
- Hobsbawm, E. J. (1987). *A era dos impérios: 1875-1914*. Paz e Terra.
- Resende, B. (Org.). (2017). *Impressões de leitura e outros textos críticos*. Penguin Classics/ Companhia das Letras.
- Shakespeare, W. (2016). *Macbeth*. Relógio D'Água Editores. (Obra original publicada no século XVII).
- Trindade, A. D. (2004). *André Rebouças: da Engenharia Civil à Engenharia Social* (Tese de Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.